



17:11

19 de Iyar 5768

י"ט אייר תשס"ח

23 de maio 2008

בְּחֻקֹּתַי

**Bechukotai**

**Nas Minhas Leis**



18:05

## SEM “JEITINHO”

Entre as várias *Mitzvot* da *Torá* referentes à agropecuária, uma delas é o dízimo. Um décimo de toda a produção agrícola e de todo rebanho deveria ser separado para o sustento dos sacerdotes ou para o abastecimento do Templo.

O *talmud* nos relata como eram escolhidos os animais que fariam parte dessa porção. O criador deveria preparar em seu curral um corredor que forçasse o rebanho a caminhar, um por um, na sua frente. Ele então faria passar seus animais por baixo de uma vara, contando-os de dez em dez. O décimo deveria ser marcado pela vara com uma tinta vermelha sobre suas costas. Quando este processo chegasse ao fim, todos os que tivessem as costas pintadas deveriam ser separados e levados ao Templo.

Como este método era totalmente aleatório, o grupo do dízimo poderia ser composto por animais belos, feios, completos, defeituosos, sadios ou doentes. Todos estes, independentemente de suas características, deveriam ser doados ao Templo.

Caso o pecuarista resolvesse “melhorar” sua *Mitzvá* e substituir os piores animais do grupo por outros melhores, depar-se-ia com uma proibição da *Torá* citada em nossa *parashá*:

“No tocante a todos os dízimos do gado e do rebanho, tudo o que passar debaixo da vara, o dízimo será santificado a Deus. Não se distinguirá entre o bom e o mau, nem o trocará; mas, se de alguma maneira o trocar, tanto um como o outro será santificado.” (Lev Cap. XXVII, ver. 32-33)

A *Torá* proíbe a substituição de qualquer animal, mesmo um doente por um sadio, sob pena de os dois permanecerem santificados, ou seja, o original e seu substituto deveriam ser levados em oferenda ao Templo.

Qual seria o problema quando este desejasse melhorar sua oferenda, trocando os ruins por melhores? Maimônides (*Rabi Moshe ben Maimon* – Espanha, Israel, Egito. 1135-1204) em seu livro *Yad Chazaká*, no final das leis das oferendas, propõe uma resposta a esta questão: “... já que o indivíduo dedicou um animal ao Templo e não há mais como voltar atrás, viria a trocá-lo por outro pior. E se lhe fosse permitido trocar o ruim por um bom, viria a trocar um bom por um ruim **dizendo que este é o bom...** por isto a *Torá* proibiu qualquer troca e imputou uma multa a quem transgredisse esta regra, transformando em oferenda o animal original e o seu substituto...” (*Yad Chazaká*, Leis de *Temurá* cap. IV, parágrafo 13)

O grande sábio e filósofo destrinchou em suas palavras uma fração do subconsciente humano. As pessoas têm por natureza dificuldade em doar o que é seu. Para esquivar-se desta obrigação somos capazes de usar vários subterfúgios, conscientes ou não, dando sempre um “jeitinho” para fugir de nossas obrigações. O criador do gado, ao trocar um animal bom por um ruim dizendo que este é o bom, não estava mentindo deslavadamente, mas, de alguma forma, havia se convencido disto. No ímpeto de salvar para si o melhor de

seu rebanho, inconscientemente, convenceu-se de que aquele animal seria melhor para o Templo do que o anterior. Vários pensamentos poderiam ter sido empregados para o auto-convencimento: “O mais magro é melhor para ser transportado.”, “O animal grande exigiria mais atenção dos sacerdotes em sua alimentação causando-lhes prejuízo.”, “Já que o animal vai ser sacrificado, é melhor enviar um que já esteja doente” etc.

Certa vez uma pessoa, ao participar de uma reunião do *Keren Kayemet*, entusiasmado com os ideais sionistas, comprometeu-se a doar uma bela quantia para adquirir um terreno na terra de Israel. Ao sair da reunião, passada a animação, pensou consigo mesmo que havia exagerado na benevolência. Quando o representante do KKL, três dias depois, chegou a casa do doador para efetivar a arrecadação, levou consigo apenas o valor de uma árvore sob a seguinte alegação do benevolente: “Uma árvore viva em Israel é mais importante do que qualquer pedaço de terra inanimada!”

Conhecedor da mente de sua criatura, o Criador desenvolveu mecanismos para nosso autocontrole. Este é apenas um deles. Ao fechar as portas para qualquer tipo de troca, a *Torá* obriga o doador a resignar-se com sua doação e cumprir com seus compromissos sem deixar que sua própria mente o traia. Desta forma, com o passar do tempo, as decisões neste sentido passarão a ser mais firmes e resolutas sem a tentativa de encontrar brechas para desfazer um compromisso.

Maimônides encerra o parágrafo e o livro explicando a derradeira lição de vida trazida pela *Torá*:

“E todas estas coisas (as leis da *Torá*) têm como objetivo dominar nosso mau instinto e consertar nossas más qualidades. A maioria das leis da *Torá* nada mais é do que conselhos do Grande Aconselhador para que possamos endireitar nossos atos...”

שבת שלום